

**A estratégia da narrativa memorialística de Paulo Francis em
*Trinta anos esta noite e O afeto que se encerra***

letrônica

Maurício Osório Krebs¹

Aos 50 anos, e portanto ainda longe da morte², o jornalista Paulo Francis escreve o seu primeiro texto oficialmente memorialista: *O afeto que se encerra*. Em 1994, publica *Trinta anos esta noite*, volume memorialístico em que “comemora” a “gloriosa”³ revolução/golpe de 1964 através do testemunho pessoal de uma época.

Na série “retratos cariocas”, no livro dedicado vida de Francis⁴, Daniel Piza, ainda que sem rigor biográfico mais extenso, mas certamente importante por resumir e organizar os dados (auto)biográficos de Francis, o evento de 64 é descrito, logo no início do livro, como um dos grandes traumas na vida de Francis. Marcando o fim de uma era de idealismo⁵ e a passagem para a personalidade mais cínica, de sibarita intelectual e desiludido.

O “trauma” de 64, escrito como “aborto”, “flagelo” e “abismo”⁶, não obstante estar num passado relativamente distante, ainda é presente o suficiente para que Francis queira, “esta noite”, se não um acerto de contas, ao menos uma revisão dos fatos que ocorreram. O subtítulo do livro, “O que vi e vivi” deixa bem claro que não se trata de uma reportagem no sentido mais tradicional da palavra, ainda que Francis, como veremos, não abandonar os tiques jornalísticos do seu texto, mas sim um depoimento pessoal, de caráter de reflexão íntima, sobre o peso dos acontecimentos históricos na sua vida – como testemunha (“o que vi”), mas também como homem (“o que vivi”).

¹ Mestrando do Curso de Teoria da Literatura da PUCRS.

² Francis viria a falecer em 1997 aos 67 anos.

³ Primeira frase de *Trinta anos esta noite*: “A gloriosa faz trinta anos em 1994.”

⁴ Paulo Francis – Brasil na cabeça.

⁵ “Nestes anos febris pré-1964, éramos felizes e não sabíamos”. (FRANCIS, 1994, p. 58)

⁶ PIZA, 2004, p. 15.

Corroborando com este ponto de partida, de que *Trinta anos esta noite*, é acima de tudo um “depoimento pessoal” destituído de qualquer pretensão de verdade histórico/jornalística no sentido rigorosamente objetivo da coisa, o próprio Francis coloca, já no início do texto:

Este livro é um relato pessoal de 1964. (...) Há muitas versões sobre 1964. E fabulação, quer dizer, de um dado real são construídas fantasias do tamanho da paranóia de quem os conta. Todos somos de certa forma ficcionistas. É praticamente impossível não colorir com a nossa personalidade o que narramos. *A memória sempre nos trai.*(grifo nosso) (Francis, 1994, p. 11)

Trinta anos esta noite é constituído por uma série de capítulos, sendo que o depoimento propriamente pessoal, que se ocupa ou deveria se ocupar das impressões íntimas e reverberações dos fatos históricos na vida íntima do autor, é intercalado com capítulos de cunho quase jornalísticos, ou quase ensaísticos, nos quais a presença de Francis, apesar de óbvia pela marcação textual (“Acho que...” , “Hoje me parece que...”), o tom é francamente jornalístico, de reportagem centrada nos fatos e nos personagens importantes, “históricos”. Assim, capítulos como “A radicalização de Jango”, “Intervenção estrangeira”, “O Brasil socialista” dividem espaço com trechos aparentemente mais pessoais, “Minha saída do palco”, “La dolce vita”.

Partindo do trecho grifado acima, de que a *memória sempre nos trai*, não como chave explicativa, mas como mote de uma reflexão que pretende entender a estratégia textual que permeia a construção das memórias de Francis, principalmente em *Trinta anos esta noite*, pretendemos neste trabalho procurar compreender como se dá uma narrativa que, como exemplificamos brevemente no parágrafo anterior, se dá em uma espécie de zigue-zague memorialístico, onde o fluxo de sentimentos e as repercussões mais íntimas dos fatos são misturadas, quando não encobertas, por trechos ensaísticos, ou jornalísticos⁷ de análise cultural e política.

Nesse ponto, a obra anterior de memórias de Francis, *O afeto que se encerra*, não difere muito e nos dá um caminho: no capítulo inicial, em que descreve suas memórias de infância, o autor separa Francis, o jornalista, que escreve o livro, de Franz, seu nome de nascença, o qual pode dar conta de uma narrativa mais íntima, mais próximo ou livre para falar dos afetos e sentimentos da época em que sua personalidade adulta era construída.

⁷ Jornalístico no sentido franciano, “quase ensaístico” como defini - nunca de forma depreciativa. Texto de um comentarista cultural, que mistura fatos, opiniões, análises e até mesmo chutes que são, não raro, grandes achados. Sua mais cristalina autodefinição, quase uma autocrítica, na introdução de *O afeto que se encerra*: “Jornalista político e cultural, opino sobre isso e aquilo o tempo todo.” (FRANCIS, 1980, p. 12).

Sintomaticamente, na abertura, após alguns devaneios de ordem explicativa (Francis procura explicar/analisar a si mesmo...), diz: “Bem, o chato do Francis já citou demais. É tempo de ativar Franz.”⁸

Como veremos, com a ajuda de algumas considerações de Lejeune sobre a natureza dos textos confessionais, o texto de Francis, mais marcadamente no caso de Trinta anos esta noite, se coloca numa posição de confissão, mas de confissão parcialmente encoberta, sempre entrecortada por outras considerações, arremedos ensaísticos, trechos jornalístico/investigativos, que, se não constituem “matéria de memória” no sentido mais estrito do termo, certamente delineiam uma estratégia memorialística. Nossa hipótese é que os caminhos tortuosos da prosa memorial de Francis não constituem um desvio da sua narrativa memorialística, mas sim, que *a narrativa memorialística de Francis é constituída, em grande parte, por uma estratégia de desvio.*

No ensaio “Luculus vem jantar com Luculus”, presente na obra *O Pacto autobiográfico*, Philippe Lejeune cita o caso do diário de Samuel Pepys como exemplo de “deslizamento da carta para o diário” antes do século XVIII na Europa. Pepys foi ministro da marinha inglesa na passagem dos séculos XVII e XVIII, prestando seus serviços a dois reis, Carlos II e Jaime II. Dois 17 aos 36 anos manteve um diário, escrito em código, mais tarde decifrado e publicado. Lejeune cita Pepys como exemplo histórico em meio a uma argumentação que descreve a passagem da escrita do diário entendido como “autovigilância”⁹, de julgamento preventivo das próprias ações, para uma nova forma de interiorização, “inversa à anterior”, “do olhar amigo”¹⁰. Segundo o autor, “não se trata mais de incorporar um confessor, mas um confidente”¹¹.

Assim, o papel do leitor das confissões do escritor, que é a princípio ele mesmo, muda diametralmente: se antes era de aferrar a culpabilidade, agora trata-se de eximi-la através de um amigo “imaginário” que “Não julgará, compreenderá, se calará.”¹² O ponto principal, o eixo que Lejeune usa para tornar paralelos estes dois processos é o da culpa,

⁸ FRANCIS, Paulo, 1980, p. 15. Cabe explicar que Franz é o seu nome de nascença: Franz Paul Tranin Heilborn. O pseudônimo Paulo Francis veio na sua efêmera passagem pelo teatro.

⁹ LEJEUNE, Phillipe, 2008, p. 312.

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem.

¹² LEJEUNE. Idem.

do exame da consciência, da confissão. A diferença é a postura do “acusado” em relação ao “processo”. Neste contexto, o diário de Pepys seria um exemplo deste tipo de diário, definido por Lejeune como “carta em circuito fechado”.¹³

Mas o que isto tem a ver com a memorialística de Paulo Francis? Como ele mesmo dizia, a memória nos trai. Em um dos derradeiros capítulos de *Trinta anos esta noite*, e no momento que o leitor poderia adivinhar o apogeu das memórias do golpe, a julgar pelo título homônimo do capítulo (“Trinta anos esta noite”), Francis dedica duas páginas descrevendo justamente a literatura de memórias de Pepys, o qual admirava tremendamente, citado como “um homem do seu tempo”¹⁴, sofisticado, atento e sensível ao ambiente ao mesmo tempo ao mesmo tempo que estóico e frio no julgamento da sociedade onde vivia e das decisões que tomava. Diz Francis a respeito do diário de Pepys:

Mas o que mais me impressiona é a civilização de Pepys, a maneira oblíqua, digamos assim, como que consegue enxergar esse mundo de reis, cortes, arcebispos traiçoeiros, seu senso de ambigüidade, e ambivalência, por que as coisas nunca são o que parecem ser, e Pepys sabe discriminar, situar, analisar, e agir de acordo com o que lhe dita o seu cérebro privilegiado.
(Francis, 1994, p. 180)

Se por um lado as citações paralelas de Lejeune e Francis a respeito de Pepys parecem ter o acicade de uma coincidência feliz, elas são postas aqui mais no sentido de ajudar a situar as memórias do jornalista Paulo Francis. Seria possível interpretar neste devaneio mini-ensaístico sobre Pepys como Francis enxergava o ideal de escrita memorialística; e, talvez, como ele enxergava idealmente sua própria escrita em *Trinta anos esta noite*, apesar de não dizê-lo explicitamente.

Por outro lado, o leitor poderia, justificadamente, imaginar que Francis chamaria Franz para escrever o que ele sentiu, como repercutiu na sua vida o grande trauma de 64. Nada disso. O dado mais importante acaba sendo a própria presença de um trecho de considerações sobre um personagem que nada tem a ver com os episódios de 1964, no final de um capítulo que cria uma expectativa de um possível “acerto de contas”. Ou seja, mais que uma conclusão ou clímax, o capítulo homônimo deixa mais perguntas no ar.

¹³ Idem, p. 14.

¹⁴ FRANCIS, 1994, p. 179.

Isto por que, levando a cabo as observações de Lejeune sobre a “LIBERDADE”¹⁵, o “direito de asilo”¹⁶, a cápsula protetora que de certa forma o formato do diário concede a quem o escreve, torna-se mandatário nos perguntarmos o que uma análise literária do diário de um personagem histórico obscuro está fazendo no momento aparentemente decisivo das memórias de Francis sobre 1964.

Ou recolocando a questão nos termos em que enunciamos anteriormente e que vamos desdobrar posteriormente: por que este trecho aparentemente desconectado *precisa* estar no momento decisivo das memórias traumáticas de Francis?

Esta estratégia de desvio não é estranha à Francis. O tipo de personagem, trágico no sentido mais clássico do termo, ou irônico, considerado mais contemporaneamente, que não consegue enxergar a resposta que está na sua frente, Édipo ou Dr. Pangloss, é colocado pelo próprio autor: “O dr. Pangloss, que só via até a ponta do próprio nariz, é a única personagem literária de Voltaire que todo mundo, literário, conhece.”¹⁷

Assim, se voltarmos ao volume anterior de memórias de Francis, *O afeto que se encerra*, veremos que já na primeira frase do livro, o leitor é advertido de que não se trata de uma autobiografia, mas sim de um texto “com passagens autobiográficas”¹⁸. Depois, bem ao seu estilo jornalístico, emenda uma frase universalizante, ousada, que só não incorre em impostura por que inclui também aquele que escreve: “somos todos narcisistas”¹⁹. Devidamente eximido de qualquer necessidade de “honestidade” objetiva, nos capítulos seguintes, Francis seguirá uma estratégia de intercalar narrações de momentos da sua vida enquanto “franz” com análises na forma de trechos ensaísticos.

Um bom exemplo disso é o trecho no qual ele descreve os motivos da sua saída do Brasil para os Estados Unidos no final da década de setenta, sentindo a necessidade de “sair do passional imediato ao histórico”²⁰ – formulação que, de certa forma, descreve sua própria escrita, sempre pulando do “passional” e pessoal ao “histórico”, racionalizável e explicável pelo seu cérebro, à exemplo de Pepys, “privilegiado”.

¹⁵ LEJEUNE, op. Cit, p. 309.

¹⁶ Idem, p. 311.

¹⁷ FRANCIS, 1994, p. 176.

¹⁸ FRANCIS, 1980, p. 11.

¹⁹ Idem.

²⁰ FRANCIS, 1980, p.55.

Outro exemplo deste *modus operandi* em *O afeto que se encerra* se dá imediatamente após a narração de um episódio quase humorístico no qual Francis foi interpelado no DOPS à respeito do seqüestro do embaixador americano Charles Elbrick. Em seguida, após uma descrição da sua vida profissional na época, Francis emenda uma longa análise sobre o estado e a validade das idéias socialistas no Brasil do início da década de 60 (da página 55 até a 65). O texto passa por Jango, Trotsky, Lênin, o pentágono, Bukharin, o general Mourão e assim por diante. Somente ao final desta relativamente extensa, por que deslocada, revisão das idéias de época é que, finalmente, Francis emenda um pequeno parágrafo sobre o impacto pessoal que viveu quando da queda de Jango:

Claro, o choque foi grande. Eu próprio tive os cabelos embranquecidos rapidamente. Chorei de raiva, bêbado, várias vezes. E não passei os horrores dos torturados ou dos meus amigos assassinados, Rubens Paiva e Vladimir Herzog. Durante três anos me negaram emprego na imprensa. (FRANCIS, 1980, p. 65)

Seco, depois da única frase em que se permite um tom mais pessoal, passional como diria o próprio, “Chorei de raiva, bêbado, várias vezes”, Francis repõe a sobriedade ao texto, relativizando o seu sofrimento, enfatizando com fatos históricos, a tortura e os assassinatos notórios de Herzog e Paiva, a sua recusa ao papel de vítima.

Logo após esse interlúdio quase pessoal, as páginas seguintes do capítulo são consumidas numa série de divagações sobre o papel da esquerda brasileira no âmbito do jogo político mundial, a sua recusa ao nacionalismo, enfim, uma série de argumentos que se por um lado procuram justificar a sua desilusão com as idéias pré-64, por outro, e textualmente falando agora, servem para isolar, ilhar o parágrafo da confissão mais pessoal e íntima. Sabemos apenas que os seus cabelos “embranqueceram rapidamente”. Em outras palavras: o leitor só tomará contato com o que se passou na cabeça de Francis, o Franz, através de análises sobre a conjuntura política mundial da época. Mais impessoal impossível. No entanto, o desvio, o ilhamento deste momento particularmente dramático pode nos indicar algo de profundo, de profundamente pessoal.

Voltando ao livro que é o alvo principal deste trabalho, encontramos em *Trinta anos esta noite* estratégia semelhante. Como citamos nos parágrafos iniciais deste trabalho, usando como exemplo a interpolação de uma análise da escrita biográfica de Samuel Pepys utilizada por Francis em um momento aparentemente decisivo das suas

memórias de 64, há uma série de afastamentos aqui. Após o capítulo “trinta anos esta noite”, o livro termina com mais três capítulos, e ao menos dois deles tem títulos promissores do ponto de vista da expectativa de uma colocação mais pessoal, próxima, da vida do autor em relação aos fatos históricos: “Os pingos nos ii” e “Opinião pessoal”. Nada disso: eles são consumidos com páginas semi-ensaísticas a respeito da viabilidade do pensamento socialista na sociedade moderna, no Brasil, o próprio conceito de “povo” etc.

No final do último capítulo, “Tudo como dantes”, encontramos, entre o balanço geral do que poderia ter sido e o que foi historicamente, quase perdido, um único parágrafo, seco, que exemplifica mais uma vez o processo textual ao qual nos referimos e nos indica o caminho para seguirmos numa reflexão um pouco mais aprofundada da nossa hipótese inicial: de que o estilo semi-ensaístico de Francis, no que tange a sua prosa memorialística, constitui numa estratégia de encobrimento, de desvio de assuntos “pessoais”, íntimos, e que precisamente esse desvio é o seu assunto mais “pessoal” e íntimo.

Na última página de *Trinta anos esta noite*, Francis conta a história do seu primo Levi, que esteve em Auschwitz. Anos mais tarde, quando soube da morte da sua mãe, aos noventa anos, Levi atirou-se de uma escada e morreu. Na seqüência desse parágrafo o autor arremata, aproximando-se de um balanço, se não de vida, ao menos de vivência:

Meus irmãos Fred e Paulo Gustavo, Mário Faustino, Maurício Bebiano, Otto Lara Rezende, Sérgio Lacerda, Ivan Meira, Osvaldo Peralva, João Augusto, Chico Pereira da Silva, amigos mortos; minha mãe que, morrendo quando eu tinha quatorze anos, nunca mais me deixou confiar em emoções.
(FRANCIS, 1994, p. 198)

E a seguir, de modo muito indicativo, iniciando o último parágrafo do livro: “O 1964 fez de mim, da minha geração, homens adultos.” Usando o termo “trauma” com certo cuidado, pois este trabalho não é uma tentativa de interpretação psicanalítica do texto de Francis, podemos dizer provisoriamente que neste ponto do texto se tocam os dois extremos de um mesmo elo: o trauma de término da infância, quando da morte da mãe de Francis; e o trauma do final da “segunda infância”, os sonhos de uma geração que acreditou piamente ter nas suas mãos (e nas suas cabeças) o futuro do Brasil.

Tomaremos emprestado o termo “trauma”, como dissemos, não como fim argumentativo-heurístico, de encaixar a estratégia textual que descrevemos em categorias, que, pensando especificamente no caso de Francis, até que não lhe seriam completamente estranhas.²¹ No entanto, a título de ilustração explicativa, nos parece que alguns dos princípios formulados por Freud em *Além do Princípio do prazer*, especialmente no que toca a sua reformulação dos princípios do trauma, nos parecem adequados para a iluminação da formulação textual que descrevemos na medida em que explica, em parte, o paradoxo que as considerações de Lejeune sobre o aspecto livre, aparentemente não acusatório, que a literatura confessional vem assumindo com o passar dos anos, ensejam quando contrapostas ao zigue-zague argumentativo das confissões de Francis, sempre impondo dificuldades ao leitor, ao mesmo tempo que o seduz, sempre num jogo de claro-escuro que, se não esconde efetivamente nada, por outro lado faz do próprio jogo a sua marca mais patente.

No ensaio *Além do Princípio do prazer*, Freud começa colocando a sua convicção na “forte tendência no sentido do princípio do prazer na vida mental”²², relativizando o papel deste princípio e rejeitando a sua idéia inicial de que ele fosse preponderante na vida psíquica. Segundo Freud, partindo dos sonhos como “o método mais digno de confiança investigativa”²³ o que caracteriza as neuroses traumáticas é justamente “a característica de repetidamente trazer o paciente de volta a situação do seu acidente”²⁴. Essa compulsão à repetição se encaixa no princípio de que o inconsciente deve tornar-se consciente, ou seja, o paciente traumatizado repetirá de forma quase involuntária o mesmo episódio de formas diferentes em ações: “a compulsão à repetição deve ser atribuída ao reprimido inconsciente.”²⁵

O trauma é entendido como uma conseqüência do rompimento do escudo defensivo da psique por um excesso de excitações que botariam em risco a tendência da dominância do princípio de prazer e a estruturação do aparelho psíquico. Esse excesso de energia livre, não completamente assimilada, “perambula” pelo sistema psíquico sem que o sujeito esteja preparado para se defender:

²¹ Junto com Marx e Dostoevski, Freud é uma das referências mais presentes nos textos memorialísticos de Paulo Francis.

²² FREUD, 1969, p. 19.

²³ Idem, p. 24

²⁴ Idem.

²⁵ Idem, p. 30-31.

Descrevemos como “traumáticas” quaisquer excitações providas de fora que sejam suficientemente prazerosas para atravessarem o escudo protetor. Parece-me que o conceito de trauma implica necessariamente uma conexão desse tipo com uma ruptura numa barreira sob outros aspectos eficazes contra os estímulos. Um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento de energia do organismo e a colocar em funcionamento todas as medidas defensivas possíveis.
(FREUD, 1969, p. 53)

Como dissemos antes, não pretendemos aqui dar conta da teoria psicanalítica, nem sequer usá-la para explicar o texto de Francis – no entanto nos parece indicativo que os dois textos de memórias escritos por ele de certa forma estão centrados em dois acontecimentos traumáticos – uso o termo “trauma” porque, tanto a morte da sua mãe como “o 64”, são colocados pelo próprio autor como fatos centrais e traumáticos da sua existência.

O título do primeiro livro, *O afeto que se encerra*, é uma referência direta a morte da sua mãe, tanto como fim de uma fonte de afeto maternal como citado diretamente na passagem que mencionamos anteriormente, na qual Francis diz textualmente ter se tornado incapaz de “confiar nas suas emoções” depois da partida da sua mãe. Como também citamos na mesma passagem, este trecho é seguido de uma referência direta à 64, como o episódio que o tornou “um homem”, ou seja, o fim da infância.

Assim, a intimidade pessoal, livre, à qual Lejeune alude como uma das características marcantes da prosa de memórias, especificamente da forma do diário, constitui o conteúdo “reprimido” no texto de Francis pelas suas intermináveis, ainda que muito bem escritas e frequentemente deliciosas, divagações e análises político-culturais. Francis “repete”, neuroticamente diria Freud, esta estratégia ao longo tanto do *Afeto que se encerra* quando em *Trinta anos esta noite*. Ele atrai o leitor, e depois o afasta, desvia o assunto, seduzindo-o com sua prosa frequentemente encantadora, sem nunca deixar de mencionar, ou de presentificar, a sua intimidade na forma de parágrafos soltos, frequentemente “limpos”, imunizados de qualquer passionalidade, através de uma verve jornalístico-ensaística que objetifica os fatos pelo viés histórico-jornalístico.

Estes desvios, distrações e afastamentos do ponto principal, que aparentemente deveriam ser o impacto pessoal, por que não dizer sentimental, dos fatos na vida de Paulo Francis não correspondem, ao nosso ver, num defeito textual, trazendo de volta à vida o antigo adágio de que um mau poeta é inconsciente onde deveria ser consciente e vice-

versa. Não e muito pelo contrário. Sem querer correr o risco de cair na falácia de suposta “intenção do texto”, temos que por outro lado reconhecer a maestria e engenhosidade pelas quais este processo de afastamento e aproximação de acontecimentos pessoais no texto. Esta estratégia é a principal qualidade de um texto memorialístico que nunca é ingênuo – e o melhor: não deposita fichas na suposta ingenuidade do leitor.

Referências

FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. São Paulo: Imago, 1969.

FRANCIS, Paulo. *O afeto que se encerra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

FRANCIS, Paulo. *Trinta anos esta noite: o que vi e o que vivi*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

LEJEUNE, Philippe. Luculus vem jantar com Luculus. In: *O pacto Autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

PIZA, Daniel. *Paulo Francis: Brasil na cabeça*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

Recebido em: 03/07/2010

Aceito em: 16/08/2010

E-mail do autor: maukrebs@hotmail.com